

A estranheza linguística e cultural no romance *O Mar de Madrid* de João de Melo

José Barbosa Machado
Fernando Alberto Torres Moreira
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

1. Introdução

O romance de João de Melo *O Mar de Madrid* (2006) relata as aventuras de um poeta português em terras espanholas por um lado, e as andanças de uma escritora espanhola de origem catalã por outro, a ponto de, a dado momento, umas e outras se cruzarem.

O autor, no prólogo à obra, começa por dizer que neste romance fala da *estranheza*, «de um fenómeno absurdo que se foi instalando, ao longo de anos e séculos – como um fungo ou um líquen – entre os chamados “países vizinhos”» (p. 13) Essa estranheza, «mais do que um paradoxo observável a nível de pessoas que em tudo parecem iguais dos dois lados da mesma fronteira, acaba por gerar a sensação da “impossibilidade permanente” entre sociedades contíguas» (Ibid.).

Num tom entre o irónico e o melancólico que vemos já nalguns contos de *As Coisas da Alma* (2003), João de Melo descreve as complexas e difíceis relações entre personagens pertencentes aos dois povos vizinhos, que orgulhosamente se desconhecem, mas têm opiniões, baseadas quase sempre em preconceitos e visões superficiais, que acentuam diferenças e impedem a aceitação do outro.

Para melhor compreendermos esta problemática, faremos uma incursão nalgumas das seqüências narrativas do romance *O Mar de Madrid*.

2. Portugal e Espanha: estranheza e similitude

Francisco Bravo Mamede, funcionário público e poeta em ascensão, vai de visita a Espanha e vê cair por terra muitas das ideias preconcebidas que tinha acerca do país vizinho. De início, porém, o que vê depois de atravessar a fronteira parece confirmar o que pensa. É «tudo um pasmo, uma desolação» (p. 18), «um mau prolongamento de Portugal: território ermo e inviável» (Ibid.), o deserto de que fala António José Saraiva (1985: 86). «Onde acabava Portugal e principiava Espanha?», pergunta o narrador. «Que linha estabelecia o limite, a passagem de um país para o outro – e a quem pertenciam as distâncias que se perdiam ao longo dessa linha meramente imaginária que toda a gente designava por “fronteira”?» (Ibid.).

Ao entrar nas cidades, na sua visão limitadora de lisboeta com residência em Campo de Ourique e no seu reduzido conhecimento de Portugal, o poeta começava a perceber a diferença. Nas cidades espanholas, «estavam as multidões ruidosamente ao relento e ao crepúsculo, rindo, comendo, tomando bebidas geladas ao balcão dos bares ou nas esplanadas que contornavam as esquinas de cada rua, ao correr dos passeios públicos, com uma alegria que ele jamais vislumbrara no seu país – nem mesmo nos dias de festa. Aí sim, começavam a diferença e a realidade de uma terra chamada Espanha» (p. 20).

Não fazia a mínima ideia de «como seria na realidade a “outra” Espanha – a dos compêndios de História e Geografia que ele estudara, 20 anos e tal atrás, na escola primária, país dos rios e sistemas montanhosos, das cheias e secas, dos maus ventos e

ruins casamentos, de todos os males portugueses de então» (p. 21-22). «À medida que se perdia em território espanhol, ouvindo-o falar, conhecendo o seu modo de viver, estranhando quase tudo o que se lhe depara, o poeta saía da língua portuguesa para entrar na língua hegemónica da península» (p. 26). Na passagem de uma língua para outra, «mais do que uma simples mudança de idioma, tinha de perceber-se uma troca de gramáticas; a passagem gramatical de um mundo para outro – com a sensação de estar outra vez a ascender, a subir em posição vertical, indo do fundo do silêncio português para o alto de uma fortaleza histórica que se chamava Península Ibérica» (Ibid.).

Uma das muitas desilusões que o poeta sofreu foi, ao entrar em Madrid, constatar «que nada mais fizera do que correr ao encontro das suas miragens. O mais que o país vizinho lhe dera a ver fora pedreiras, terras barrentas e descampados ressequidos» (p. 25). Esta visão, no entanto, acabaria por se esbater em visitas posteriores.

Dolors Claret, escritora de novelas negras, parte para Portugal alguns anos mais tarde com o marido de automóvel, numa viagem de reconciliação conjugal. Entraram pelo Alentejo e vão ter a Lisboa. A ideia que a escritora «fazia de Portugal não ia além da pura fantasia: era apenas uma linha de fronteira, cheia de saliências e reentrâncias que os espanhóis em regra inventaram à medida da sua imaginação. Tratava-se de um país inconcreto, o qual talvez só existisse dentro da sua evidência interna, mas lá bem no extremo da realidade espanhola» (pp. 33-34). Portugal, observado através do mapa das previsões meteorológicas, era «um retângulo vazio e algo curvilíneo, sem cidades nem caminhos, sem pessoas, nem paisagens» (p. 34), com «uma fronteira enrugada como uma boca sem dentes, ou como dois comboios amolgados que houvessem colidido e desde então permanecessem não sei se fundidos ou unidos à força» (Ibid.).

A estranheza, o contraponto, revela-se mal a escritora entra em Portugal por Elvas: «Dolors viu que as cidades se erguiam não no fim da viagem, mas no princípio de todos os caminhos, ao contrário do que acontecia em Espanha» (p. 39). Não é por isso de admirar que ela estranhasse «quase tudo: o olhar distraído dos portugueses, a melancolia bondosa dos velhos homens gordos que se haviam sentado à sombra das casas, a dor que ensombra o rosto das viúvas ali especadas a olhar a tarde que não se movia» (Ibid.). Dolors conclui que «nada afinal em Portugal se parece com Espanha», «nada daquilo correspondia ao que esperava ver no país vizinho» (Ibid.).

A escritora compara o silêncio «na vida e nos olhos das crianças lusitanas» com o que «sucedia outrora na sua terra catalã» (p. 41). Diz-lhe o marido que o país é considerado «uma reserva moral e uma regeneração» para os espanhóis (p. 43). O silêncio que a encantou «provinha não das vozes que não falavam – ao contrário das contínuas vozes de Espanha – mas dos olhos, da pele, dos ossos secretos das pessoas. Estava no corpo, existia nas mãos e na linguagem» (p. 41).

Portugal, país do silêncio, contrapõe-se a Espanha, país onde as vozes se juntam no ar, se expandem «pelo tempo fora, vogam no espaço do império da língua, como se a universalidade espanhola dependesse do hábito de falar mais alto do que o vizinho, e de não permitir que alguém lhe replicasse» (p. 41). Dolors sabia, na pena do autor de *O Mar de Madrid* – português dos Açores que preza o silêncio –, que «nenhum povo do mundo falava tanto, tão alto, tão depressa como os espanhóis. Falavam freneticamente, cheios do universo absoluto das palavras, sendo corpo e alma no acto de comer de pé ao balcão dos bares e restaurantes, paixão de falar, arte e vício de viver ao som das próprias vozes» (p. 41). Os portugueses, pelo contrário, conversavam «a meia-voz, com pausas e suspiros» (Ibid.).

A escritora encontrou uma primeira barreira, não na fronteira política, mas na língua que escutava. «Não compreendia nada do que ouvia aos portugueses de Elvas. As vozes fechavam-se mais por dentro da língua lusitana do que da sua; brancos, os sons

nada significavam, nada queriam dizer» (p. 42). Era para si um mistério que não compreendesse nada do que ouvia, mas, «quando ela falava, toda a gente do país vizinho dava mostras de a compreender na perfeição. O que instaurava entre ela e eles o absurdo de uma capacidade de comunicação totalmente unilateral» (Ibid.)

Dolors concluiu que sofria do mal de quase todos os espanhóis: «que pouco ou nada sabia de Portugal. Nem saberia mais depois, ao regressar a Espanha» (p. 48), levando-a esse facto a sentir «uma espécie de remorso pelo seu autismo espanhol em relação a Portugal» (Ibid.).

3. A questão da identidade

Francisco Bravo Mamede vai a um congresso de escritores que se realiza em Madrid e conhece Dolors Claret. Esta, para se vingar das infidelidades do marido, decide envolver-se com o poeta português. «Ela não está minimamente apaixonada por esse portuguesito tímido e colérico que arrasta atrás de si a cauda de pavão dos seus versos, com o sotaque do seu castelhano pouco mais do que elementar e a melancolia de uns olhos pasmados» (p. 155); «Se alguma vez fizer amor com ele, será tanto pela curiosidade como pelo desejo do seu encanto: saber o que diz um português apaixonado ao ouvido de uma espanhola, na hora do prazer e da alegria final» (p. 155).

Para se afastarem dos colegas de letras, mexeriqueiros e maldosos, partem para Toledo a passar uns dias. Mas as coisas começam a correr mal. O poeta não compreende os comportamentos extravagantes da escritora de novelas negras e ela, demasiado distraída com os seus próprios problemas, não respeita o que de diferente há nele. A situação leva o poeta a desejar não ter saído do seu canto e a tecer, em discurso indirecto livre, um conjunto de observações acerca de si, da escritora, de Portugal e da Espanha, onde vêm ao de cima os problemas de identidade e o esforço quase obsessivo de afirmação da mesma. «E há-de um português», pensava o poeta, «fugir assim, o cobardolas, de uma escritora espanhola de novelas negras, com medo de não ser erecto na ocasião apropriada, ou de não estar à altura dela? Digam-lhe dessas! Que diabo, ele era um lusitano, um descendente do grande Viriato, e também um animal da conquista ibérica, um vencedor histórico face à Espanha de Dolors» (p. 157). «Entende, com alguma pusilanimidade, que «nunca um português deve deixar de provar seja o que for em Espanha, sobretudo contra ela, ainda que só na intimidade de uma das suas mulheres» (Ibid.). Ele, Francisco Bravo Mamede, «além de se portar como um bravo e um herói, deve ter consciência de ser o único cidadão de um território independente de Espanha, o único republicano, o sal histórico do grande mar lusíada de Camões e, sem dúvida, o primeiro de todos os homens ibéricos!» (Ibid.). A sua altivez lusa leva-o a considerar que «tudo o mais, na península, não passava de um rebotalho, de um rebanho dentro do seu aprisco, coisa sem préstimo nem alma de maior!» (Ibid.). Numa atitude pouco consentânea com a sua admiração pelas coisas boas de Espanha, tem algumas posições de puro desprezo. A comida em Espanha, por exemplo, não presta. «Não se come bem, só coisas gordurosas e agressivas, pensa, um atentado permanente à fineza dos estômagos delicados, e porque os espanhóis não passam de uns vândalos a mastigar, sempre a mastigar!» (p. 163).

No jantar com Dolors em Toledo, o poeta considera que «a história de Portugal e de Espanha mais não era do que um caso de estranheza histórica, igual àquela que ambos haviam já experimentado» (p. 187). Numa ironia quase fradiquiana, entende que Dolors «trazia consigo a Espanha onírica dos moinhos de vento e das aventuras de perdição; e ele não chegara a passar além do seu “Portugalzinho” parido não por via baixa, mas pelas bandas traseiras de Espanha» (Ibid.).

O facto de não ter dinheiro suficiente para pagar o jantar e a impossibilidade de conseguir sair airoso dessa embaraçosa situação, levou-o subitamente a arrepender-se de se ter deixado envolver com a escritora espanhola e a desejar fugir do restaurante. O brio, que na cultura portuguesa se sobrepõe ao estado de humilhação quando demasiado insuportável, – «a conjugação de um complexo de inferioridade e superioridade», nas palavras de Eduardo Lourenço (2001: 25) –, levou-o a reconsiderar. «Mas com franqueza», pensava, «não eram modos para um poeta como ele! Tinha um nome público e uma obra poética editada nos dois países, não viera a Espanha para ser humilhado por um mulherzinha qualquer!» (p. 188). Francisco Bravo Mamede «era um português poeta e um poeta português, ao passo que ela não passava de uma catalã espanhola, escritora de novelas negras, casada com um galego espanhol, que havia traído a Galiza inteira, terra dos seus avós, dos seus pais, dos seus irmãos» (p. 189). E o facto de ela umas vezes se dizer «uma espanhola de alma» e outras insistir «no nacionalismo evasivo do seu coração», levou-o a concluir que ele, pelo contrário, «não tinha problemas com a identidade» (Ibid.).

Eduardo Lourenço é citado a propósito: «A fazer fé no seu tão estimado Eduardo Lourenço (que conhecera pessoalmente em Madrid, uns bons anos atrás, noutro congresso), os portugueses sofrem até do seu excesso disso, de uma hiperidentidade¹ que lhes diz permanentemente quem são, o que são e como são em toda a parte. Ora quem era ele para duvidar de um sábio e de um grande pensador como Eduardo Lourenço?» (Ibid.). Mas o complexo de inferioridade vem de novo ao de cima: «Que podia fazer por si um poeta lusitano, um amante sem dinheiro num restaurante de luxo em Toledo? Nada, absolutamente nada, a não ser cair na profunda realidade da sua pobreza lusitana e escapar dali pelas traseiras» (Ibid.). Ou então, suprema humilhação, «ir confessar-lhe de uma vez por todas o grande equívoco da sua vida e da poesia no seu país de poetas, onde afinal ninguém lia um poema, um livro de versos ou um simples almanaque de poesia» (Ibid.).

Da humilhação nasce o ressentimento, também característico de quem, como os portugueses, pouco ou nada tem: «Por que razão eram desde sempre pobres, pelo menos desde o tempo de Camões, tão pobres, os poetas portugueses enquanto as romancistas de novelas negras de Espanha comiam ostras, lagostins e *rabo de toro* com os melhores vinhos e tintos, se uns e outros escrevem sobre o mesmo tempo do mundo danado em que vivem?» (p. 189). Francisco Bravo Mamede considera esta situação uma «manifesta injustiça, um desequilíbrio nos pratos da balança, um perfeito ultraje luso-espanhol!» (p. 190). Dolors parecia compreender a indignação e o ressentimento do poeta português: «tinha a certeza absoluta de que ele, sendo um poeta, possuía a sua dose secreta de loucura – como a de romper, de um dia para o outro, com a mediocridade da vida na casa de Branca, a de renunciar a essa espécie de desterro poético a que parecia condenado em Portugal, onde o seu talento não era amado nem reconhecido, e onde nunca ninguém dava nada por ninguém» (p. 224).

A opinião do poeta português acerca da escritora espanhola não era tão lisonjeira. Quando a viu bêbeda e a fazer desatinos no restaurante, considerou, indignado, que «nenhuma senhora portuguesa se comportaria assim em público. Não beberia até ficar em estado tão deplorável, não se poria ali a rir, a rir e a rir despudoradamente na cara do

¹ Eduardo Lourenço, na obra *Nós e a Europa ou as Duas Razões* (1994), refere que os portugueses, por terem uma visão extremamente positiva de si mesmos, à hora de se definirem sentem-se “hiperportugueses”. Para este ensaísta, a hiperidentidade dos Portugueses assenta numa dupla realidade: Portugal tem uma identidade de povo europeu não hegemónico e outra de povo com uma História imperialista e colonizadora.

irrepreensível cavalheiro que a acompanhava» (p. 191). Dolors, a seu ver, «não era mais do que uma espanhola volúvel, personagem da sua própria ficção» (p. 194).

Depois de mais um desentendimento no final do jantar, o poeta abandona a escritora em Toledo e regressa a Madrid onde decide satisfazer alguns compromissos anteriormente assumidos. Um deles era o convite para fazer um recital de poesia na Universidade Complutense. João de Melo aproveita a oportunidade para criticar a jactância dos poetas portugueses, que se acham uns génios tocados pelas Musas. «Mais nenhum poeta ou escritor», pensava Francisco Bravo Mamede, «fora convidado a vir ali expor-se, declamar versos, ler um texto, explicar a preceito a sua obra – o que significava que só ele suscitava interesse literário à exigente e letrada Espanha. Ele era, portanto, o preferido, o mais popular de todos e sem dúvida o melhor nome da delegação portuguesa que viera a Madrid» (p. 237).

Cuervo, o professor da Universidade Complutense que o acompanhou no almoço depois do recital, surge na obra como o estereótipo espanhol que olha para Portugal de cima. «Começou por lastimar a estranheza, o desamor sem medida que desde sempre separara a Espanha de Portugal. A seu ver, a Espanha era a dona das suas culpas e dos seus pecados históricos. Portugal figurava mais na condição de vítima do que réu do “autismo espanhol”» (p. 238). O poeta disse não estar totalmente de acordo, adiantando «que os portugueses se comportavam, em relação a Espanha, como uns medíocres, uns invejosos, uns ressentidos»² (Ibid.).

Ouvindo isto, Cuervo «passou a contra-atacar os portugueses. Fê-lo com método, inventariando políticos e empresários, jornalistas e diplomatas, médicos e polícias, passando a seguir à história das mentalidades para criticar o povo, o clero, os ricos, os trabalhadores e os sindicalistas» (Ibid.). Mas o académico espanhol não se ficou por aqui. «Atacou ainda os alunos e os professores, os homens do pensamento filosófico, da ciência e da religião, e por fim os literatos, diagnosticando em tudo e em todos o atraso, o desmazelo sem nome, a sujidade, o caos português» (Ibid.). Quanto aos escritores portugueses, considerava-os «uns balofos, uns empertigados! Tão encarniçadamente os lastimou e denegriu o Cuervo, que até Francisco Bravo Mamede, apesar de gostar de o ouvir dizer mal sobretudo dos prosadores, sentiu o corpo atravessado por um incómodo» (Ibid.). E então vemos o poeta a indignar-se por ver um estrangeiro, um reles espanhol ainda por cima, a criticar os portugueses³. «Sentia-se também na pele de um agredido por esse espanhol ignorante e preconceituoso, pelas suas ideias feitas contra um país de nove séculos de existência chamado Portugal, em cuja cultura se havia diplomado, e onde aprendera, em português de Coimbra, o nome dos seres e das coisas» (p. 239). O poeta não aturaria tanto fel a um concidadão, quanto mais a um espanhol! «Conhecia portugueses que, à força de dizerem mal de tudo, ganhavam púlpito e tribuna no miradouro das misérias que avistavam de cima de toda a gente e de toda a pátria» (Ibid.).

Francisco Bravo Mamede «não podia continuar ali à mercê do rancor e dos preconceitos de um homenzinho maneiroso e envenenado que se servia do seu amor a Espanha para erguer contra Portugal a ira e a fortaleza da mediocridade» (p. 240). Ele «sempre lidara mal com a ideia do patriotismo. Porém, nunca pactuara com ingratos e

² Federico J. González, no seu livro *Reflexões de um Espanhol em Portugal*, considera que os portugueses «podem estar orgulhosos da sua vida individual, mas não estão satisfeitos com as soluções colectivas a que chegaram como sociedade. Ao mesmo tempo, há muitos casos em que o indivíduo não se identifica com essa sociedade. De facto, não é uma excepção o português que fala dos “Portugueses” como terceira pessoa do plural, como alheios a si próprio» (2004: 116).

³ Acerca deste assunto, diz Federico J. González na obra já referida: «Em países como Espanha ou Itália, por exemplo, os cidadãos não se importam absolutamente nada com o que os estrangeiros possam pensar deles ou das suas formas de vida como sociedade» (2004: 115).

traidores, e não ia agora vergar-se a um hipócrita, um oportunista de meia maquia como ele, que levava a vida a engordar a vítima para depois comer e arrotar à conta da sua enxúndia» (Ibid.). Depois do almoço, «virou-lhe as costas na primeira esquina, como se batesse uma porta atrás de si, e pôs-se a andar ao acaso» (Ibid.).

4. Portugal, país das cidades decadentes

Nos dois últimos capítulos do livro, a acção centra-se em Lisboa. O poeta português e a escritora espanhola partem desencontrados para a capital portuguesa. Ele volta para sua casa em Campo de Ourique e ela fica hospedada no hotel *Azores Islands* com a intenção de o procurar e pedir-lhe perdão. O poeta, ao acordar na manhã seguinte, pôs-se a reflectir nos últimos acontecimentos e naquilo que faria ou não faria à sua vida.

Estava em Lisboa e pensava em Madrid. Considerou que «nunca se sentira um estrangeiro em Madrid. Pelo contrário, bastava-lhe pensar que não era senão um homem vindo da província remota de uma outra vida, de um sítio qualquer da Península Ibérica, para se reencontrar consigo a sós, em plenitude, na capital de Espanha. Chegava e sentia-se logo estranhamente completo» (p. 265). Em Madrid entendia que não se falava uma outra língua: «tratava-se basicamente de um mesmo e único idioma, com um sotaque mais gutural nas consoantes e menos melífluo e acentuado nas vogais» (Ibid.). E sendo o mesmo idioma, não se cumpria nele «o mito do estrangeiro de Espanha, porque vogava à tona das palavras, envolto pela mesma gramática histórica, sem que o intimidassem os nomes e os dicionários ou até as noções de uma geografia que antes lhe parecia estranha, mas que o unia agora ao fio visível e invisível da realidade espanhola» (pp. 265-266).

Levantou-se e saiu para as ruas desertas de Lisboa a um domingo de manhã. A diferença era flagrante: «ninguém nas ruas – ao contrário do que acontecia em Madrid, que todas as horas do dia e da noite caminha nas vozes e nos movimentos dos seus caudalosos rios de gente» (p. 267); «A essa mesma hora, com a manhã mais adiantada, Madrid teria entrado na contínua pulsação das cidades que possuem um mundo, uma existência própria, um mar onírico, eterno, profundo, com razões e causas dentro de si. Em Lisboa, pelo contrário, as esquinas dos domingos eram frias, ausentes» (p. 267).

Dolors sai também para as ruas de Lisboa à procura do poeta. Gostaria de o encontrar, por acaso. Estafada da caminhada pelos bairros da capital portuguesa, apanha um táxi que a deixa em Alfama. Entra num restaurante e senta-se à mesa a beber. Ela ouvira o poeta mencionar numa das conversas Campo de Ourique, o bairro onde vivia. Perguntara-lhe «a razão de ser desse nome e ele contara-lhe a história da batalha, o milagre da aparição de Cristo ao rei português, sanguinariamente pregado na cruz, com a coroa de espinhos transformada em auréola de mártir dos mártires, a garantir-lhe a vitória contra os feros exércitos dos Mouros» (p. 275). Ela percorrera o Campo de Ourique à sua procura, perguntou às pessoas que encontrava, mas ninguém conhecia o poeta. «Presumira, a descuidada, estrangeira néscia e arrogante, que os velhos bairros de Lisboa não passavam de aldeias grandes, com uma única rua que desceria directamente até ao adro de uma igreja, um largo mais ou menos comunitário onde os reformados se entreteriam a jogar as cartas ou dominó» (p. 275), em que os «hábitos nocturnos e matinais» eram «regidos por um sino, uma missa, uma tarde de domingo com a tribo da família em peso de portas para dentro a fazer churrasco e a comer no quintal. Grossa cornadura a dela ao ter empreendido numa tal ideia acerca dos portugueses!» (Ibid.).

Enquanto bebia vinho sentada no restaurante de Alfama, Dolors sentia-se «numa cidade sem nome e num país totalmente diferente tanto da Catalunha como de Espanha» (p. 276). Perguntava-se: «O que é Portugal? O que é Espanha? O que é ser um país e

como é depois pertencer-lhe?» (Ibid.). Mercê, a filha, pedira um dia ao pai: «papá, explica-me a Espanha» (Ibid.). O pai respondeu, depois de muito pensar: «*Tú eres España*» (Ibid.). E explicou à pequena: «*Mira, niña*. O teu pai é galego, a tua mamã catalã. Os teus bisavós paternos, asturianos; o pai do teu papá, basco. Os teus bisavós maternos, ambos andaluzes. A mãe da tua mãe, castelhana; o teu avô materno, catalão – tal como tu e Jordi. Tu és ainda uma menina, mas serás um dia uma mulher de Espanha» (p. 276-277). E acrescentou: «Eu falo três línguas, o galego, o catalão e o castelhano – e tu falas duas, tal como a tua mamã e o teu irmão. Também isso é a Espanha, filha» (p. 277). A menina «pôs-se a bater palmas, feliz da vida. Compreendera finalmente a Espanha. Afinal, tinha-a toda em si, no corpo e na pele, na sua história familiar e na sua casa de Barcelona. Não mais precisou quem lha descrevesse nem que ninguém lha voltasse a explicar» (Ibid.). Dolors queria «engravidar de novo, oferecer filhos também a Francisco Bravo Mamede, encher com ele o mundo de meninos poéticos e literários, para que os sangues de ambos se misturassem em amor, beleza e literatura – e para que assim *toda a Terra fosse una*, como no verso de Fernando Pessoa, e a humanidade encontrasse nela o destino inflamado, a loucura abençoada dos escritores e dos poetas» (Ibid.).

Victor Alfonso, o marido de Dolors, através de um telefonema que ela lhe fizera, suspeitou que alguma não estava bem e não lhe foi difícil descobrir que a esposa se encontrava em Lisboa. Em seu entender, Dolors, depois da primeira visita a Portugal, «como por milagre ou conversão religiosa, passara a cultivar uma espécie de devoção mito-histórica por Portugal» (p. 281). Evocava amiúde «momentos e factos banais», descrevia «com todo o pormenor as paisagens e as sensações que experimentara nas viagens do Alentejo para a capital e de Cascais para Sintra, a cidade do Porto, os alegres campos do Norte, o caminho para a Galiza» (Ibid.). Mas Lisboa parecia tê-la marcado de uma forma especial: «ficara como que a cantar-lhe no ouvido e no coração o frémito daquele manto de cidade estendido» (Ibid.).

O apego de Dolors a Portugal não fora imediato. Ela, aquando da sua primeira visita, «começara por estranhar o país, o seu evidente desconforto em tudo e em toda a parte, a sua gente vestida de luto e demasiado quotidiana» (Ibid.). Essa imagem «associou-se talvez ao seu estado de alma de então, considerando tudo em Portugal um “atraso de vida”: pequeno de mais, por vezes pouco asseado, inequivocamente tristonho, sem outro encanto que não o do mar e das suas praias brancas e cor de serradura» (p. 283). Chegou a considerar Portugal «O país das cidades decadentes» (Ibid.). Depois do regresso à Catalunha, «deu-se nela algo como uma metamorfose espiritual: passou a enaltecer a sua memória das paisagens, os modos e as artes da vida portuguesa» (Ibid.). O que mais a impressionou foi o mar, «aquela “grande redoma azul e cinza que se ovalava ao longo da costa lusitana”, como ela viria a descrevê-lo mais tarde» (Ibid.).

João de Melo põe a escritora espanhola, num acto inverosímil mas aceitável do ponto de vista poético, a reflectir acerca da expansão portuguesa: «Território imaginário e de continuidade do país para além dos seus limites ocidentais, o mar afigurou-se-lhe um caminho de expansão e de partida para o largo e para o alto, num movimento de ascensão para o espírito português» (Ibid.). Considerava Portugal «o último país “literário” da Europa – vá lá saber-se porquê. Talvez porque a literatura existisse nele por si mesma e sem mais, à revelia até de quem a criava e de quem a lia; ou porque tinha, acima de tudo, a ingloria, inútil e importantíssima vantagem de não possuir uma razão de ser no quotidiano do povo, nem uma finalidade prática para os seus escritores» (Ibid.).

Victor Alfonso, por seu turno, «era um daqueles galegos que nunca nutria o mínimo sentimento de amor pelos portugueses. Não que os detestasse. Digamos que os

prezava, mas à distância, dentro dos seus domínios» (p. 282). Localizada a esposa, Victor Alfonso apanha um avião para Lisboa. Ciumento e violento como certos maridos espanhóis soem ser, bateu-lhe «tanto, tão furiosamente, até lhe doerem as mãos, a ponto de converter o rosto dela numa máscara gorda, pisada e lastimável» (p. 286).

O poeta, tomando conhecimento do sucedido, refugiara-se covardemente em casa, com receio de que também sobrasse para ele. Dolors volta a Espanha com o marido e com uma certeza: «nunca mais um português lhe poria um dedo em cima da pele ou da cabeça, pois nem mesmo os poetas, em Portugal, estavam à altura do amor prometido da Espanha e da coragem das amantes desvalidas, mas perdidamente determinadas, da sua querida Catalunha natal» (p. 287). Degenerados, «os portugueses de agora não mereciam nada de nada, nem a sua independência nem a sua história, nem a sua condição de europeus, a começar pelos políticos, fossem eles urbanos ou campestres, e a acabar nos padres, nos escritores, nos poetas e nos simples apaixonados» (p. 288). Dolors, lavada em lágrimas, despedia-se definitivamente de Portugal e dos portugueses com uma pergunta: «A quem amavam, a quem adulavam eles, senão a si mesmos, os narcisistas portugueses de agora?» (Ibid.).

5. Conclusão

A incompatibilidade entre as duas culturas, a portuguesa e a espanhola (castelhana, galega, catalã ou qualquer que ela seja), parece ser a conclusão deste romance de João de Melo. Talvez com outras personagens, mais tolerantes, menos afectadas pela sua importância ou pelos seus preconceitos, medos e cobardias, e sobretudo noutras circunstâncias, a estranheza acabasse por ser superada e vencesse o que realmente aproxima as pessoas, por mais diferentes que elas sejam: o amor.

Referências bibliográficas

- González, Federico J. (2004), *Reflexões de um Espanhol em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Lourenço, Eduardo (1994), *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, 4ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Lourenço, Eduardo (2001), *O Labirinto da Saudade*, 2ª ed., Lisboa, Gradiva.
- Melo, João de (2003), *As Coisas da Alma*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Melo, João de (2006), *O Mar de Madrid*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Saraiva, António José (1985), *A Cultura em Portugal – Teoria e História. Livro I*, 2ª ed., Venda Nova, Bertrand Editora.